



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS XIII*
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS

MICHELE SANTOS DA PAIXÃO MARTINS OLIVEIRA
ROSIENE LARANJEIRA DA SILVA

QUANDO OS OLHOS SE FECHAM: A MORTE NA LITERATURA JUVENIL

Itaberaba
2022

MICHELE SANTOS DA PAIXÃO MARTINS OLIVEIRA
ROSIENE LARANJEIRA DA SILVA

QUANDO OS OLHOS SE FECHAM: A MORTE NA LITERATURA JUVENIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, Campus XIII; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Sacramento
Moreno Gonçalves.

Itaberaba
2022

MICHELE SANTOS DA PAIXÃO MARTINS OLIVEIRA
ROSIENE LARANJEIRA DA SILVA

QUANDO OS OLHOS SE FECHAM: A MORTE NA LITERATURA JUVENIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, *Campus XIII*; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves.

Aprovado em 13/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Luciana Sacramento Moreno Gonçalves.

Profa. Dra.

Universidade do Estado da Bahia

Orientadora

Juscilândia Oliveira Alves Campos.

Profa. Dra.

Universidade do Estado da Bahia

Examinadora

Iranice Carvalho da Silva.

Profa. Dra.

Universidade do Estado da Bahia

Examinadora

Dedicamos esse trabalho a Deus em agradecimento, pois acreditamos que Ele seja o criador de todas as coisas e nos deu a capacidade de concretizar mais uma etapa tão desejada em nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que nossos objetivos fossem alcançados, durante todos os anos de estudos. Gratidão é o sentimento que temos para com Deus, pois Ele foi essencial em todas as nossas conquistas e superações.

A nossa família, que nos incentivou nos momentos difíceis e compreendeu a nossa ausência enquanto nos dedicávamos à realização deste trabalho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que permitiram apresentar um melhor desempenho no nosso processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos nossos colegas de turma, por compartilharem tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Todo mundo deveria ter um amor verdadeiro, que deveria durar pelo menos até o fim da vida da pessoa. – (John Green).

RESUMO

Este artigo discute a morte na literatura juvenil. Para tal intuito, realiza uma pesquisa de cunho interpretativo e bibliográfico, cujo principal objetivo é discutir a representação e o tratamento da morte na obra *A culpa é das Estrelas* (2012), de John Green. Nas análises, questiona-se como alguns autores tratam da morte para jovens através da literatura, bem como evidencia de que maneira o livro apresenta esse tema, avalia, critica e discute tais abordagens. Com esse propósito, faz um breve percurso histórico acerca da morte na história e na literatura, bem como sua inserção na literatura infantil e juvenil. Em seguida, problematiza o lugar da morte na referida obra, através de elementos dos textos verbais, evidenciando a forma como ela é apresentada ao público-alvo. Para esse fim, utilizou-se, como aporte teórico, os trabalhos de alguns autores que se debruçam sobre a questão, tais como Lajolo e Zilberman (1991), Nely Novaes Coelho (1991), Castilho (2004), Schubert (2007) e Antônio Candido (2006), entre outros. A partir de tal percurso metodológico, percebeu-se o quão relevante é tratar da morte em textos destinados ao leitor jovem, ainda que em caráter alegórico ou inferencial, sem privá-lo de compreender as fases da vida a que todo indivíduo deve transpor. A morte continuará fazendo parte da natureza humana, não há como evitá-la, mas há como discutir sobre ela através da imaginação e da fantasia, em uma aproximação leve e com linguagem apropriada.

Palavras-Chave: morte; juventude; literatura juvenil; *A culpa é das estrelas*.

SUMÁRIO

1 PARA ALÉM DO EDUCAR: LER, PENSAR E REFLETIR.....	8
2 JUVENTUDES: DE DENTRO PARA FORA.....	12
3 LITERATURA JUVENIL: RESSIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO.....	15
4 QUANDO OS OLHOS SE FECHAM: A MORTE NA LITERATURA JUVENIL	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6 REFERÊNCIAS.....	26

1 PARA ALÉM DO EDUCAR: LER, PENSAR E REFLETIR

Grande parte dos gêneros literários das produções infantis têm como fonte as narrativas populares, encontradas na oralidade. Contudo, algumas das produções destinadas a este público foram durante muito tempo atreladas à função pedagógica e instrucional, fazendo com que os textos adquirissem um caráter meramente didático. Entretanto, se tomarmos como exemplo os clássicos da literatura infantil e suas versões originais, podemos observar um claro exemplo de como essas obras eram um meio de orientar as crianças sobre como se comportarem socialmente e seguirem regras de boa conduta.

Durante muitos anos, a literatura se apresentou como um conteúdo adulto, deixando de considerar a riqueza criativa que a fase da infância possibilita. Assim, de acordo com Silva (2006), o gênero infanto-juvenil teve seu início na passagem entre os séculos XVII e XVIII quando a criança passou a ser considerada a partir de suas especificidades e suas diferenças em relação aos adultos. Os avanços da modernização e, conseqüentemente, o capitalismo, tornaram o período favorável para que a literatura infantil tivesse um espaço, já que esses livros que seriam destinados ao público infantil começariam a ser comercializados, mudando, assim, o sistema econômico da época. Como afirmam Lajolo e Zilberman (2006), a literatura infantil traz marcas inequívocas desse período. De acordo com as autoras, “numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria” (LAJOLO; ZILBERMAN 2006, p.18).

É necessário destacar que nem todas as crianças teriam acesso a esses livros, pois nem todas teriam condições de comprá-los, e ainda existia o analfabetismo, que impedia a leitura, pois só quem poderia ler ou comprar esses livros seria quem pudesse pagar por eles. Em países como o Brasil, por exemplo, as crianças pertencentes às classes populares tinham acesso somente aos contos populares de tradição oral.

Ao final do século XVIII, alguns escritores europeus mudaram o rumo das histórias infantis por meio da linguagem literária, permitindo à criança compreender o seu universo de maneira lúdica e artística. Desta forma, a realidade infantil passou a ser retratada considerando a sua simbologia, sua afetividade, seus aspectos psicológicos e o seu desenvolvimento cognitivo. Já no Brasil, “a literatura infantil tem

início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (CUNHA, 1999, p.23). Somente na metade do século XX, tendo o nome de Monteiro Lobato como um dos marcos fundamentais, a literatura para crianças no Brasil buscou a ludicidade e autonomia já presentes em outros países.

Para entender melhor como começou a literatura juvenil, precisamos tratar inicialmente da literatura infantil. Alguns autores tiveram um olhar mais cuidadoso com relação às crianças, entendendo que precisava de uma literatura destinada a elas. Pois a linguagem utilizada para o infantil costuma ser diferente para que elas consigam compreender o que o texto está transmitindo. No decorrer dos anos, essa literatura infantil já não contemplava por si só todo o público, entendendo que a própria infância possuía especificidades, passou-se a pensar no período etário dos leitores. Depois dessa observação, começou a se chamar de literatura infanto-juvenil, porém analisou-se que a própria infância possuía particularidades em cada fase e a juventude se diferenciava muito desse período, então contemporaneamente passou a se subdividir em literatura infantil e literatura juvenil separadamente.

Neste contexto, ao pensarmos a literatura escrita para jovens e as representações da morte, procuramos compreender a temática no livro *A Culpa é das Estrelas*, de John Green (2012), analisando como a obra contempla a temática a morte na literatura juvenil. Pensando nisso, abordamos o que esse livro juvenil discute sobre a morte e de que maneira apresenta esse tema, além disso, avaliamos, criticamos e discutimos tais abordagens.

Quanto à metodologia da pesquisa, trata-se de uma pesquisa documental, pois é selecionada para análise a obra *A Culpa é das Estrelas*, de John Green (2012). Classifica-se também como descritiva, pois o objetivo é realizar um estudo de maneira detalhada sobre a temática, cuja pesquisa é embasada em revisão teórica sobre o objeto de estudo, com análise de informações.

Além disso, é realizada uma análise qualitativa dos dados nas obras aqui já mencionadas. Notamos que o tema morte é tratado com pluralidade, pelas diversas formas como é retratado em culturas e religiões, tal qual o Dia dos Mortos no México e o Dia de Finados aqui no Brasil. Sendo assim, procuramos explorar alguns pontos de vista dos autores, em que um mesmo assunto é tratado de maneira diferente.

Ainda sobre o percurso metodológico, de acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos

publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. Com a temática definida e delimitada, o pesquisador terá que trilhar caminhos para desenvolvê-la.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para o autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama maior de fenômenos do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2008). Essa vantagem é particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados que estão dispersos no tempo e no espaço relacionado ao objeto de estudo.

Com base em alguns autores, foi utilizada a abordagem qualitativa para o tratamento dos dados, devido à interpretação que fazemos acerca das fontes bibliográficas exploradas. Nesse sentido, identificamos e analisamos como alguns autores tratam a morte nas produções literárias. A pesquisa básica tem como objetivo principal o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos (APPOLINÁRIO, 2011, p.146).

Para descrever melhor as análises, utilizamos exemplos de referências com base em autores distintos, mas que abordam temáticas semelhantes, a fim de obter uma melhor apreciação do conteúdo com intuito de analisar como uma mesma temática pode ser descrita de maneira diferente. Portanto, com esta pesquisa será possível observar, de acordo com o material analisado, como o autor escreve para o público juvenil, percebendo os diferentes conceitos de morte no livro *A Culpa é das Estrelas*.

As produções literárias são heterogêneas, havendo múltiplas temáticas com tendência a discussões de questões existenciais e imaginárias. A literatura se constrói a partir de apropriações do mundo real, que podem unir a realidade com a fantasia, permitindo que o leitor crie condições para lidar com suas emoções e seus sentimentos. Desta forma, entendemos que a visão de mundo oferecida pela literatura contribui para uma constante descoberta e renovação, pois permite interpretações através do universo representado nas obras, possibilitando diversas formas de recepção a partir desse contato do leitor com o texto.

No entanto, ainda são poucas as produções com temáticas que abordam questões atuais sobre a morte no trato do desenvolvimento emocional do jovem

contemporâneo. Conforme Schubert (2007), a literatura não cumpre o papel de preparar crianças e adolescentes para lidar com a morte. Trata-se inegavelmente de que a literatura deixa uma experiência importante, incluindo experiências negativas e indesejadas da história humana, proporcionando textos que problematizam a realidade. Assim, algumas temáticas podem possibilitar aos leitores um processo de autoconhecimento e oportunizar visões diferentes sobre o assunto.

Nosso principal objetivo, portanto, neste artigo, é identificar e analisar como alguns autores abordam a morte nas produções literárias, evidenciando como ela é apresentada nas obras e percebendo como cada ator discorre sobre o tema, além de levar em conta a relevância de tratar com o público juvenil os assuntos que fazem parte do cotidiano.

Essa temática foi escolhida para compreender melhor como a literatura apresenta o tema ao público juvenil, considerando ser relevante esse assunto nos livros paradidáticos por possibilitar ao jovem leitor uma ligação com o mundo real, entendendo que a morte é um fator social, algo que acontece na vida humana de forma recorrente. Embora seja natural que se associe a morte à velhice, entretanto, isso não é uma verdade absoluta. Os jovens, ao longo da vida, precisam lidar com situações de morte de familiares, amigos, pessoas jovens, idosos, de maneira natural e muitas vezes têm que lidar com essa mesma ocorrência de forma abrupta e inesperada. Também é na juventude que as pulsões de morte aparecem com mais frequência entre os indivíduos, como o desejo de desaparecer e até mesmo movimentos suicidas.

O trabalho estrutura-se em cinco seções. Na primeira, descreve o início da literatura, discorrendo sobre o momento em que a literatura juvenil começou e o avanço que ela obteve até os dias atuais. Mas também informa a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Na segunda, discorre especificamente sobre juventudes, abordando conceitos e concepções. Já na terceira, é apresentada a pesquisa do material com os livros que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho a fim de responder o problema apresentado acima, baseando-se nos autores Lajolo e Zilberman (1991), Nely Novaes Coelho (1991), Castilho (2004), Schubert (2007) e Antônio Candido (2006). Enquanto na quarta, é realizada a análise sobre as representações da morte na literatura juvenil a partir das apresentações do autor John Green, a fim de analisar como o autor desenvolve o

tema, a sua descrição, colaboração e verificação das narrativas. Na última sessão, expõe-se sobre a relevância da abordagem do tema.

2 JUVENTUDES: DE DENTRO PARA FORA

A juventude apresenta-se como fase de transição na sociedade em que o indivíduo está inserido e ajuda a manter a movimentação dos grupos na comunidade. É uma fase de construção social transitória, em que o indivíduo está se desenvolvendo fisicamente, emocionalmente, biologicamente, socialmente e psicologicamente, por isso devem ser considerados os fatores condicionantes, pois a ideia de faixa etária não é igual para todas as sociedades.

Para começar a delinear a discussão em torno da sua concepção, é preciso sinalizar que tal definição é considerada por muitos pesquisadores como uma “categoria social”. Pensando por esse viés, podemos definir a juventude como um período que não é delimitado somente pela idade. Transformações biológicas, psicológicas, sociais, culturais, de diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, por exemplo, fazem parte da sua caracterização (UNESCO, 2004 apud SOUZA; PAIVA, 2012, p. 353).

Normalmente o jovem é recebido com dúvidas pelo universo adulto, devido à imagem negativa e descompromissada com as regras sociais e com a vida. A partir da década de 1960, por exemplo, houve muitas manifestações culturais e políticas juvenis que prenunciavam que o jovem alcançaria outro papel e chegaria a ter outro lugar na sociedade. Podemos destacar nesse período a ação do movimento *hippie*, que se contrapôs aos valores morais de sua época, pregando ideais de “paz e amor”, criticando a sociedade de consumo e realizando intensa oposição à Guerra do Vietnã.

Charlot (2000) lembra ainda que a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social. Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro.

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma

noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 40).

Conforme o pensamento de Dayrell (2003), podemos dizer que as juventudes são múltiplas, dependendo do seu universo. Neste contexto, fica claro que o conceito de juventude é heterogêneo e que cada uma delas é vista diferente, de acordo com a sociedade em que vive. Há duas situações para refletir, uma é sobre a condição juvenil, que refere ao modo como a sociedade constitui e atribui significado a essa fase da vida, neste momento, nesse ciclo, como também existe a situação juvenil, que está na prática, ou maneira como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes, classes, gênero e grupo social. Por conseguinte, o próprio jovem constrói a sua história durante o seu desenvolvimento, apropriando-se de conhecimentos. No entanto, para Molon (2009 p. 83) “o eu se constrói na relação com o outro, em um sistema de reflexos reversíveis, em que a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência”.

Sendo assim, entendemos que as histórias juvenis não são estáticas e, portanto, estão em constante movimento e transformação. Além desse processo ser contínuo, ocorre em via de mão dupla, o homem está em processo porque a história e a sociedade são constantes e também porque ele as movimenta, ressaltando que o homem é um agente ativo deste processo e embora pareça estranho, o combustível para esta movimentação é a sua própria ação. Dessa forma, o sujeito é ativo e age no mundo e sobre o mundo. Nesta ação, se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Apesar do conceito de juventude ser discutido sob diferentes perspectivas, não se visualiza diretamente uma construção teórica que discute a realidade dos jovens, que integre essa questão em um marco de análise mais amplo e que tenha como perspectiva uma visão mais geral da juventude. Por fim, a noção de juventude é socialmente variável. A juventude contemporânea tem ganhado espaço na sociedade, porque seus agentes estão cada dia mais inseridos em ambientes de sociabilidade e obtendo visibilidade através dos movimentos de busca por mudanças e avanços, dessa forma, garantindo conquistas e fazendo história.

Charlot (2000) afirmou que, além de os jovens serem seres humanos abertos a um mundo que possui historicidade e, portanto, são portadores de desejos e movidos por eles, estão em relação com outros seres humanos, sendo também sujeitos. Ao mencionar que o jovem tem uma história, Charlot (2000) aponta que o sujeito é um ser singular, que interpreta o mundo e lhe atribui sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

Assim sendo, o jovem é construído historicamente com base em fatos que aparecem nas relações sociais e na vida do indivíduo. Cumprindo alguns códigos preestabelecidos socialmente, ele passa a ter autorização e, por vezes, até obrigação de apresentar algumas condutas e atitudes definidas socialmente, o que gera conflitos entre o mundo jovem e o mundo adulto.

A juventude, ainda que vivida por jovens na mesma faixa etária, estes vivem diferentes juventudes por conta das distintas inserções no mundo social, e causando experiências variadas. Portanto, pensar juventude no singular não traduz sua complexidade. Contudo, compreender sua pluralidade é reconhecer os distintos lugares que os jovens ocupam nas relações sociais. Pois dentro dessa unidade existe uma heterogeneidade de juventudes. Cada jovem interpreta o mundo e lhe atribui um sentido, dependendo da posição social que ocupa e das relações que estabelece dentro do seu grupo social e em outros grupos e à sua própria história. Além das condições materiais dos seus grupos sociais, os jovens vivenciam diferentes juventudes conforme o momento e o contexto histórico, o gênero, a etnia e a religião, entre outros fatores.

3 LITERATURA JUVENIL: RESSIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO

A literatura oferece aos leitores diferentes perspectivas de pensamento de acordo com suas vivências. E para os jovens, esse movimento certamente é bastante intenso e salutar. Segundo Petit (2008, p.72),

a linguagem e a leitura têm a ver, ainda, com a construção de si próprio como sujeitos falantes, pois a leitura pode, em todas as idades, “ser um caminho para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

A literatura é capaz de ajudar nos processos mais difíceis, tais como de perdas, pois os autores podem contribuir para a reorganização desse sentimento, visto que a literatura oferta um novo olhar, provocando aos leitores possibilidades de recepcionar a mensagem e visualizar o mundo de maneira particular por meio da leitura.

Para Larrosa (1996), a experiência da leitura relaciona-se com os diversos caminhos que se percorre para chegar à construção de significados. Esse percurso exige tanto a suspensão de sentido quanto a abertura para a ressignificação, e ele nunca é trilhado sozinho. Passam por ele o sujeito/leitor, o objeto de conhecimento e os diversos mediadores.

Na época em que a literatura infantil surgiu, o principal objetivo era além de divertir as crianças, educar no sentido de oferecer “modelos” de certo ou errado, de belo ou feio e de bom ou mau comportamento. Observamos que, neste período, a literatura possuía um caráter pedagógico, com uma visão diferente de infância, a partir de uma concepção adulta, com um anseio de moldar a criança a partir de padrões sociais e/ou éticos, sem levar em consideração suas necessidades intelectuais e afetivas. Segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p. 5),

a Literatura Infantil é: abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Monteiro Lobato foi um agente formador e modificador desta ideia, pois contribuiu com a tradução dos grandes clássicos da literatura infantil, tornando-os acessíveis ao povo brasileiro. Mas foi necessário pensar em uma literatura que abraçasse o público juvenil, bem como classificar e dividir categoricamente, direcionando o que o público infantil poderia ou não consumir, o que seria história infantil e, em contrapartida, o que seria juvenil, mas não delimitasse que tipo de literatura desenvolver.

Segundo Castilho (2004, p. 108), a literatura infanto-juvenil brasileira, enquanto produto nacional, tem início com Monteiro Lobato. Percebemos nas obras desse autor a continuidade da tendência da literatura para adultos: preocupação com questões nacionais, sociais, morais. Em relação ao negro, o preconceito e

estereótipos também foram transportados da literatura dos adultos para a literatura infantil. Vale salientar que não está sendo questionada a capacidade, muito menos a grandeza desse escritor, que, sem dúvida, merece a classificação de um dos maiores escritores brasileiros e representante da literatura infantil. Mas, sobretudo, demarcar a época e o processo em que ocorreram as mudanças. A partir de 1975, os escritores de literaturas infantis começam a pensar em compor uma escrita comprometida com a realidade. Com essa proposta, esses autores passam a desenvolver temas que até então eram considerados impróprios para crianças. Daí surge a ideia de fazer uma literatura que contemple o real e imaginário, a ficção em paralelo com a realidade.

Assim, podemos perceber que toda literatura compõe-se de três elementos: o autor, a obra e o receptor (leitor). O autor parte de um objetivo que o impulsiona a escrever, seja esse social ou pessoal, ele é capaz de direcionar a que público a sua obra se destina, esta, a partir de sua leitura, interage com o leitor, e este, por sua vez, intervém, dando-lhe significado.

A literatura se configura na representação cultural de um povo. Pensando no autor, Antônio Candido (2006, p. 40) afirma que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”, portanto, não há como separar literatura da sociedade, pois, mesmo de maneira indireta, o meio social e os acontecimentos do período refletirão na obra, não há como fazer essa distinção entre o literário e o social, essas esferas andam juntas. Ainda segundo Antônio Candido (1976, p.25), a literatura constitui

um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito.

A literatura infantil é feita para crianças com o intuito de provocar a fantasia, com muitos desenhos e cores nas páginas, a emoção das histórias, o entretenimento com temas, como também o pedagógico (para ensinar algo para a criança). Já os livros juvenis costumam não ter tantos desenhos e ilustrações, pois os jovens entendem melhor os textos escritos, não necessitando tanto do imagético

para tal compreensão. Além disso, a linguagem da literatura juvenil também muda e os livros ficam mais dinâmicos para interessar os jovens leitores.

4 QUANDO OS OLHOS SE FECHAM: A MORTE NA LITERATURA JUVENIL

A morte nunca foi um tema fácil. Desde a antiguidade, sua presença é motivo de inquietações, mesmo porque a seu respeito há mais lacunas que respostas. Muitos filósofos, estudiosos, cientistas e religiosos, desde muito, elencam considerações sobre ela. A literatura, como parte relevante no universo das artes, não se ausentou disso, mas, através dos tantos caminhos que a linguagem pode propor, representou-a, através dos tempos e das épocas, por meio da história de vida de muitos personagens e de diversas simbologias e imagens, algumas realistas e assustadoras, outras românticas e metafóricas.

Julgamos pertinente trazer à tona o assunto em discussão, entendendo que estas questões sejam recorrentes no cotidiano. Situações no que se refere à morte estão presentes no dia a dia de todos. Não se deve tratar do tema como se fosse uma situação distante, pois faz parte do cotidiano. Os meios de comunicação, por exemplo, retratam o assunto diariamente, mostrando diversos modos de como acontece e expondo em demasia de maneira efêmera. É comum ver nas mídias, por exemplo, cenas de violência que resultam em mortes.

Na literatura infantil e juvenil, esse tema é tratado como tabu, é evitado e também pouco aparece nos textos infanto-juvenis. Entretanto, esse assunto também é comum na vida de crianças e jovens, por isso é importante ser abordado nos livros para esse público. Nossa escolha foi buscar algumas obras que tratem do tema, para verificar como cada uma delas aborda o assunto, colocado como foco de análise o romance juvenil *A culpa é das estrelas*.

A perspectiva atual no Brasil demonstra entender que qualquer temática no que se refere à literatura para jovens e crianças é, muitas vezes, individual (tanto do produtor, como do consumidor) e, por isso, controversa. Com isso, o comércio vem se rendendo às publicações de obras de conteúdo “delicado”, enfrentando abertamente o preconceito e a formulação de polêmicas.

Ainda que a morte seja tratada como um tabu ou que ela tenha aparecido em diversos textos de forma efêmera, há obras que se preocupam em tratar do tema sem o aspecto sombrio e amedrontador que ela teve durante tanto tempo. Têm-se

criado novas histórias para o público juvenil que se preocupam em fazer compreender o fenômeno da morte. São obras que reintegram o jovem em uma realidade da qual tentaram afastar mesmo quando tudo a sua volta nasce e morre ao longo do tempo.

Um exemplo importante sobre isso foi observar como o livro *A história de uma Folha*, de Léo Buscaglia, abordou o assunto em questão. Observamos que a melhor maneira de compreender esse processo foi considerar que o livro trata da morte de forma metafórica e simbólica. Não se trata de explicar ou definir, seja porque existem várias formas de representações, seja porque a literatura apresenta outras significações. O livro trata de transformações da vida, passagem da vida, a condição da fase da velhice, quando acontecem alterações na estrutura, no corpo marcando o início, meio e fim dos ciclos. Em um dos diálogos entre as folhas, é apresentada a visão de uns dos personagens, explicando que o processo do cair das folhas não necessariamente precisa ser visto como morte e sim, um meio de transição, uma vez que a folha, depois que cai no solo, é regada pela chuva e aquecida pelo sol, deixando-a seca novamente, para se transformar em adubo, gerando nutrição para a própria raiz da árvore, e assim proporcionando vida para outras folhas e outros ciclos poderem recomeçar. Conforme Buscaglia (2014, p. 26),

A folha pousou num monte de neve. Estava macio, até mesmo aconchegante. Naquela nova posição, a folha estava mais confortável do que jamais se sentira. Ela fechou os olhos e adormeceu. Não sabia que a primavera se seguiria ao inverno, que a neve se derreteria e viraria água. Não sabia que a folha que fora, seca e aparentemente inútil, se juntaria com a água e serviria para tornar a árvore mais forte. E, principalmente, não sabia que ali, na árvore e no solo, já havia planos para novas folhas na primavera.

O autor destaca que, dessa maneira, cada folha vai caindo de acordo o seu tempo, e quando isso acontece é porque cumpriu o seu propósito, mas acrescenta que a qualidade do propósito no processo também é importante, pois justifica o porquê de o indivíduo viver e para que viver. Ele conclui que, havendo feito essa análise e cumprindo a missão, a partida pode ser feita leve e em paz:

[...] E quando amanheceu veio vento que arrancou a folha de seu galho. Não doeu. Ela sentia que flutuava no ar, muito serena. E, quando caía, ela viu a árvore inteira pela primeira vez. Como era forte e firme! Teve certeza de que a árvore viveria por muito tempo, compreendeu que fora parte de sua vida. E isso deixou-a orgulhosa. (BUSCAGLIA, 2014, p. 26).

Segundo Cagneti e Zotz (1986, p. 23), “a literatura nos convida a despertar para o contato com diferentes emoções e visões de mundo, proporcionando, assim, condições para o crescimento interior e a formação de parâmetros individuais para entender os próprios sentimentos e ações”.

A literatura, na sua expansão de abordagem por temas diversos, identifica uma variedade de versões que ajudam o leitor a tirar as cortinas dos olhos, compreendendo melhor, cada um do seu jeito, sem que haja julgamento, mas sim uma amplitude de olhares que propõe diferentes maneiras de entendimento, e que cada um desses olhares consegue ter a visão sobre assuntos que contemplam inúmeras visões.

O livro *A culpa é das Estrelas*, de John Green, trata de um romance entre dois jovens que estão em processo de tratamento contra o câncer. Vemos a história de Hazel Grace e Augustus Waters, ela, com 16 anos, e ele, com 17 anos, lidam e convivem com a predestinação de uma morte precoce, desde a primeira fase da vida: “Só tem uma coisa pior nesse mundo que bater as botas aos dezesseis anos, por causa de um câncer: ter um filho que bate as botas por causa de um câncer”. (Green, 2012).

Essa ideia de falar sobre a morte através de metáforas é bastante comum em nossa sociedade. Provavelmente, cada um de nós já ouviu que alguém “partiu dessa para melhor”, “descansou”, “bateu as botas”, “virou estrela” ou “foi morar com Deus”. A infinidade de substituições é imensa e, mesmo não se tratando de uma obra brasileira, a morte também é vista de forma semelhante, principalmente porque, na cultura ocidental, há muitas representações acerca do tema que nos aproximam. Essa aproximação pode ser percebida através das mesmas metáforas, isso só reforça o fato de a literatura consistir, através dos tempos, um dos modos de registro da experiência humana, e essa experiência reflete o modo que cada um de nós enxerga o morrer e o viver, através da discussão de um tema que, embora recorrente, recebe um tratamento que se desdobra em muitos sentidos.

O trecho do romance acima citado está sendo narrado na primeira pessoa, então a personagem que vai morrer é que se refere à morte sem meias palavras. Repetindo o “bater as botas” para dar ênfase em sua colocação, pois morrer aos 16 é terrível de se imaginar, visto que ainda é muito jovem para isso acontecer, parece que é contra a natureza, porque a juventude é o auge da vitalidade, um paradoxo

para a consciência humana. Geralmente compreendemos o morrer na velhice, não na juventude. Para a narradora, morrer tão precocemente faz parte da anti-natureza, ao entender que os mais antigos vão antes do que os mais novos.

No livro, a palavra câncer é usada de forma literal, sem ocultação (medo). Na linguagem do senso comum, inventam-se palavras para se referir à patologia, mas a narradora fala do próprio câncer com certa intimidade, sem arroudeio, não usa referências como “aquela doença”.

Essa naturalização se dá pela familiaridade que Hazel tem com a doença, já que desde a infância convive com ela. A dor que sentia era, sobretudo, imaginar o sofrimento que seus pais sentiriam após sua partida. Vendo como eles já sofriam antes mesmo de qualquer acontecimento, a filha naturalmente já percebia como eles iriam ficar diante de tanto sofrimento, por eles se dedicarem de tal maneira a ela. Percebemos que quem está doente, ainda que seja jovem, parece agir com mais naturalidade diante do problema do que quem não está, ainda que o mais próximo seja mais velho.

A forma como Hazel pensa sobre a morte é como se ela tivesse costume sobre o assunto. Visto que já esteve perto dela por várias vezes, acabou se familiarizando com o destino que a própria vida lhe preparou. Hazel Grace descobriu um câncer na tireoide, ainda na infância, e que posteriormente atingiu seus pulmões, fazendo com que ela passasse por diversas cirurgias e tratamentos, precisando até de um cilindro de oxigênio móvel para respirar. Introvertida, sarcástica e retraída, conheceu Gus em um grupo de apoio a crianças e adolescentes com câncer, no porão da Igreja episcopal Coração de Jesus. Ele, um rapaz bonito, extrovertido e que pensa completamente o oposto de Hazel, no que se refere ao estilo de vida, sobre o câncer e até mesmo a morte com um câncer em remissão completa, mesmo que tenha lhe custado uma de suas pernas, encara a vida com humor, metáforas e otimismo. Augustus não aceita esse destino e custa se redar, buscando sempre alternativas que lhe conduzam a outras formas de viver a vida sem pensar nesse momento que muitos temem chegar.

Eles se tornaram bons amigos, dividindo seus anseios, seus gostos e até a paixão pela leitura, pois ele fala sobre o livro preferido dele, e ela lhe apresenta o livro preferido dela, "Uma Aflição Imperial", do autor fictício Peter Van Houtler, que também fala sobre uma menina com câncer e deixa implícito, em seu final inacabado, que a protagonista Anna morre. Hazel então tem uma grande

curiosidade de conhecer o autor e de lhe fazer perguntas sobre o destino dos personagens após a morte da menina, já que ele não escreveu mais livros. Após diversas tentativas fracassadas de contato, Augustus consegue falar com a assessoria do escritor, marcar uma visita e usa o seu desejo para realizar uma viagem a Holanda (a contra gosto dos próprios pais) com Hazel e sua mãe, a fim de conhecer Peter Van Houtler, sanar todas as dúvidas, curiosidades, e finalmente saber a continuação dos demais personagens.

Durante a viagem, Gus conta a Hazel que o câncer tinha voltado. Ela tão frágil e doente, que sempre a pensar no sofrimento de sua família e a tentar prepará-los para a tristeza e o luto que ela deixaria com sua partida, percebe que ela mesma teria que aprender a recomeçar com a notícia sobre o retorno da enfermidade do seu parceiro.

No livro, constata-se que os humanos sempre se questionam quando a morte chega na família, indagando o porquê disso ter acontecido, fazendo questionamentos ao ser supremo, como se a morte fosse castigo:

[...] “— Vai chegar um dia — eu disse — em que todos vamos estar mortos. Todos nós. Vai chegar um dia em que não vai sobrar nenhum ser humano sequer para lembrar que alguém já existiu ou que nossa espécie fez qualquer coisa nesse mundo. Não vai sobrar ninguém para se lembrar de Aristóteles ou de Cleópatra, quanto mais de você. Tudo o que fizemos, construímos, escrevemos, pensamos e descobrimos vai ser esquecido e tudo isso aqui — fiz um gesto abrangente — vai ter sido inútil. Pode ser que esse dia chegue logo e pode ser que demore milhões de anos, mas, mesmo que o mundo sobreviva a uma explosão do Sol, não vamos viver para sempre”. (GREEN, 2012, p. 19)

A citação acima mostra como todo ser vivo tem um tempo de vida finito, entretanto, nós costumamos pensar que quem vai morrer sempre é o próximo. A citação traz duas referências históricas, duas pessoas importantes: Aristóteles e Cleópatra não resistiram ao tempo, assim, de forma irônica e engraçada, acentuam que seres comuns, por essa lógica, provavelmente terão menos prestígio do que as figuras citadas no que se se refere à morte. Alguns humanos se julgam superiores, mas eles morrem como tudo que existe no mundo. Embora esse acontecimento seja inegociável, não faz sentido aceitar findar (acabar, chegar ao fim), enquanto ainda está vivo. Ninguém sabe quando a morte vai acontecer, logo entendemos que não se tem controle de tudo. Os humanos pensam controlar tudo, inventam fórmulas da

juventude, pílulas de prolongamento da vida, estudos da longevidade, mas é notória a falta de controle no que se refere à morte.

No livro, os protagonistas são dois jovens que encaravam a morte de maneira distinta – ela queria viver sem criar laços, já que morreria logo; já ele não queria morrer sem ser lembrado – e descobriram tão precocemente que, para todo ser humano, ela é inevitável e surpreendente. O que fica é a lembrança do que se viveu entre aqueles que permanecem vivos e a esperança de que os que se foram tenham experiências similares à vida em outros planos.

Podemos fazer um paralelo entre o pensamento de Gus com o filme *Viva: a vida é uma festa* (Wall Disney), pois, para eles, quando se fala de morte, entende-se que o estar morto é somente se for esquecido, porém, se quando alguém morrer, continuar a viver nas lembranças de quem está vivo, esse alguém continua fazendo parte da vida dessa pessoa.

Em uma conversa, Augustus perguntou a Hazel se ela acredita em vida após a morte. Ela responde que a eternidade é um conceito errôneo e, por isso, estava sendo retirada da rotação. Ele, ainda não conformado com a resposta, pergunta novamente. E Hazel responde:

- Não- Falei, e depois me corriji. – Bem, para falar a verdade, não diria um “não” tão categórico assim, talvez. E você?”- Eu acredito – ele disse, confiante – Acredito, não certeza. Não num paraíso onde você anda de unicórnio, toca harpa e vive em uma mansão de nuvem. Mas, sim, eu acredito em Algo com A maiúsculo. Sempre acreditei. (GREEN, 2012, p.154).

Ela demonstra inicialmente ter certeza, mas depois hesita, porque é um assunto emblemático. Para a ciência ainda não há uma resposta clara e definitiva sobre o que acontece depois que morremos. Contudo, muitos cientistas estudam os relatos de pacientes que passaram pela morte clínica e foram trazidos de volta (experiência de quase morte), diante disso, notamos que existem várias vertentes que nos levam a uma imaginação que podemos questionar diante tantas opiniões.

No caso de Hazel, ela é uma jovem que não possui crenças em quase nada, já anda descreditada da vida, sem esperança, achando até engraçada a forma como algumas pessoas enxergam a morte, trazendo conflitos de opinião, mas respeitando o direito que todos têm de defender o que acreditam. Já Augustus é mais confiante, tem mais certeza do que pensa e acredita, ele é mais autêntico, coloca definição em

seus pensamentos, inclusive faz colocações de símbolos, mostrando com evidências não ser bobagem, e sim sólida a maneira como ele pensa. Para ele é mais confortável pensar assim.

Hazel relacionava o pensamento que Augustus tinha sobre a morte somente com pessoas que tinham uma limitação de conhecimento intelectual, mas Gus a surpreendeu ao confessar que também acreditava em algo. Ele acrescenta que não acredita que o ser humano retorne para assombrar ou consolar os vivos, mas crê que as pessoas podem se transformar em alguma coisa.

- Mas você tem medo do esquecimento.

- Sim, eu tenho medo do esquecimento terreno. Mas quer dizer não quero parecer nem meu pai nem minha mãe falando, mas acredito que os seres humanos tem alma, e acredito na manutenção da alma. O medo do esquecimento é uma coisa, o medo de não ser capaz de dar a minha vida em troca de nada. Se você não vive uma vida a serviço de um bem maior, precisa pelo menos morrer uma morte a serviço de um bem maior, sabe? E eu tenho medo de não ter nenhuma vida nem uma morte que signifique alguma coisa. (GREEN, 2012, p.154).

Mesmo com um pensamento otimista, isso não impediu que o câncer levasse Augustus, ele se foi, mas deixou sua marca na vida das pessoas que o cercavam, como de fato ele queria que acontecesse, não ser esquecido. E isso pode ser configurado simbolicamente como o ato de não morrer/vencer a morte, ou melhor, o corpo físico deixa de existir, mas a memória e os sentimentos permanecem.

A morte de Augustus faz pensar sobre a continuidade da vida e nos mostra que aqueles que partiram nos deixam lições que nos ajudam a trilhar nossos próprios caminhos. Os amigos de Augustus não apenas sentiram saudade pela ausência do amigo, mas recordam todos os bons momentos que tiveram juntos e como ele era importante na vida de todos. Se usarmos toda a narrativa para compreender o universo humano, veremos como a obra nos ensina a lidar com o luto. Se o compreendermos como um processo pelo qual passam aqueles que perdem algo ou alguém, e, nesse período, vivenciam os momentos da morte e tudo o que ele traz consigo, como a dor, a negação, a tristeza e a própria aceitação, veremos que *A culpa é das Estrelas* nos mostra, através do pensamento de Augustus, que a dor da perda pode ser substituída pelas boas lembranças que mantêm viva dentro de nós a pessoa que partiu.

Hazel fez uma visita à casa de Gus logo após a sua partida, ela foi à procura de algumas folhas de papel que estaria faltando no caderno de anotações escritas

por ele que talvez fosse o final do livro que ele havia prometido e que os dois tanto gostavam. Mas ao perceber a sua busca incessante, o pai de Augustus quis acalmá-la dizendo que acreditava não ter sido possível ele ter escrito alguma coisa, pois não teria dado tempo. E acrescentou argumentando que as únicas mensagens que ele pode deixar estariam vindo de lá de cima, apontando para o teto, como se Gus estivesse pairando sobre a casa.

No livro, notamos que a palavra morte é dita no modo literal e alguns personagens descrevem de maneira simbólica para onde vão após a partida, contudo é enfrentada e sentida de formas diferentes. Para o escritor Pitter, a morte de sua filha foi sentida de forma desoladora e o único refúgio foi o álcool e consequentemente a depressão. Isaac amigo de Gus, por sua vez, esperava esse momento chegar, vivendo sem esperança de dias melhores já que poderia acontecer com ele o mesmo que aconteceu com os amigos que partiram. A médica do hospital acreditava que a morte é como uma jornada da vida, por já acompanhar vários pacientes com quadros difíceis de reversão em hospital, e ela sabia como terminava a jornada de algum deles, chegando até naturalizar a situação já que lidava diariamente com ela. Para os pais de Gus, um enorme vazio já que o filho havia teoricamente sido curado pelo câncer, mas foi surpreendido com um novo diagnóstico que o levou.

É importante destacar que o título da obra é uma referência a Shakespeare que escreveu na tragédia *Júlio César*: "A culpa não está nas estrelas / Mas em nós mesmos". Neste caso, a frase é invertida, como se John Green pretendesse demonstrar que Hazel e Gus não têm controle sobre os acontecimentos. Tampouco se tem resposta para todos os fatos, como também o controle sobre o amanhã.

Em um dos seus momentos de angústia, Hazel fala que a vida é como uma granada. Compreendemos que seja natural esse pensamento quando se tem uma doença terminal, posto que a qualquer hora a pessoa pode explodir, virar pó. Hazel acolhe a ideia de que a qualquer momento a morte irá chegar, pois as expectativas de vida são mínimas, e a ideia de explodir é exatamente como virar fumaça, desaparecer, virar poeira. Não quer viver mais aquele sofrimento, não pela terrível dúvida se vai morrer, mas sim, quando vai morrer. O que se pensa sobre a morte parece obvio, mas não é. E é isso que a deixa tão aflita.

Os pais de Hazel já caminhavam "preparados", mas tentavam de todas as formas driblar a situação na esperança que tudo aquilo um dia acabasse em cura ao

invés de morte. Por anos eles tentaram diversas possibilidades na esperança de ficar com a filha mais tempo possível, e era isso que mais angustiava Hazel, pois seus pais tinham uma busca tão incessante da sua cura, que suas próprias vidas passavam despercebidas. Eles passam tanto tempo no propósito da cura para poder viver, que deixam de viver com qualidade, esperando esse dia chegar. Até que percebem que podiam dar continuidade em suas vidas, embora fizessem isso de forma discreta e oculta para que a filha não sentisse ou entendesse como abandono essa escolha.

Quando Hazel descobriu, despertou nela o sentimento de alívio, pois sua aflição maior era pensar no sofrimento dos seus pais, em como viveriam e o que fariam depois da sua morte, já que eles viveram boa parte da vida deles em função dela. Hazel não escondia esse pensamento, em uma conversa, ela afirma isso: “era que eu queria continuar viva pelos meus pais, porque eles ficariam arrasados e sem filhos depois de mim, e aquilo ainda era meio verdade, mas não era bem isso, exatamente (GREEN, 2012, p.266).

Hazel era filha única, e foi justamente pelo problema de saúde que ela tinha que seus pais não quiseram ter outro filho. Eles pensavam que precisavam dedicar toda atenção e cuidado somente para ela. Preenchendo a vida deles exclusivamente para acompanhar a filha no seu processo de cura. Percebemos que há uma grande porção de amor das duas partes, onde um não quer abandonar o outro, os pais com um infinito amor para com a filha e a determinação de fazer tudo por sua vida, e a filha, por sua vez, sentindo o sofrimento dos pais antes mesmo que alguma coisa viesse acontecer, imaginando a dor da saudade e o fracasso de não ter conseguido vencer o câncer.

Esse contexto nos apresentou um leque de visões sobre o tema, sobre o amor e sobre a vida. Afinal do que vale a vida se não para viver intensamente? Nem todo mundo que chega à nossa vida vem com a finalidade de ficar. Da mesma forma, que nem todos que se foram queriam partir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como as juventudes são múltiplas, entendemos que a morte no olhar juvenil também pode ser considerada e compreendida de maneira diferente. A

intenção de falar sobre o assunto em questão foi de identificar como os autores apresentam a temática e como ela é representada na literatura escolhida.

Percebemos a mistura do tema com outros assuntos que “romantizam” como o amor, a paixão, a saudade, “amenizam” o olhar indesejável sobre a temática. Entendendo que o assunto é delicado, principalmente para o público juvenil por estarem em fase de amadurecimento, os autores descrevem de forma leve e reflexiva apresentando a temática com naturalidade, e dentro das histórias existem metáforas, melancolia e até filosofia.

É pertinente pensar nessa discussão para entender que situações como essas sejam recorrentes no cotidiano. A literatura não está para cumprir o papel de preparar as crianças ou os adolescentes para lidar com a morte. Mas, oportunizar conhecimento, pois temáticas como essas podem possibilitar aos leitores um processo de autoconhecimento e oportunizar visões diferentes sobre o assunto.

Os livros trazem a morte como uma das abordagens e as diferentes visões que os personagens têm sobre ela. Percebemos a maneira como a folha Daniel do livro *A história de uma folha* e a personagem Hazel de *A culpa é das Estrelas* compreendem o estado de morte de modo inevitável, sendo natural a ideia que algum dia esse momento vai chegar na vida de alguém.

O título do livro é uma frase invertida que John Green utiliza como se pretendesse demonstrar que Hazel e Augustus não têm controle sobre aquilo que está diante deles. Dois adolescentes que poderiam ter muita vida pela frente, mas são confrontados pela sua mortalidade, enfrentando doenças em estado avançado. Notamos uma sensação de injustiça que toma conta deles, por conhecerem um sofrimento tão grande, ainda durante a juventude. Contudo, eles formam uma parceria que consegue ir além das inúmeras dificuldades que enfrentam, permitindo reconhecer o amor e se divertirem, apesar de todas as limitações.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

BUSCAGLIA, Leo F. **A história de uma folha: uma fábula para todas as idades** / Leo Buscaglia; 19ª ed. tradução de A. B Pinheiro de Lemos. – 19ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é Literatura Infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARLOT, Bernard, (2000). **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artemed.

DA ROCHA, Pedro Albeirice; LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura infanto-juvenil: história e relações com a pedagogia**. Revista Querubim: Ano 12 Seção Especial, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa - ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: editora Intrínseca, 2012.

KOVÁCS, M.J., org. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M.V. (Org.). **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

PAIVA, Ilana Lemos de; SOUZA, Cândida de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**. Rio Grande do Norte, v. 17, n. 3, p.353-360, set/dez. 2012.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: 34, 2008.

SILVA, Daniele Cristina Coutinho. Literatura infanto-juvenil. **INFOESCOLA**. 2006. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>>. Acesso em: 12 set. 2019